

A INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL EM BOVINOS NA MADEIRA

A inseminação artificial é um método de reprodução que tem enormes vantagens, umas de ordem sanitária e outras de ordem zootécnica, de onde se destaca um maior e melhor aproveitamento dos reprodutores masculinos de superior qualidade, apresentando-se assim como o meio mais rápido e eficaz de melhorar os efetivos existentes.

Efetivamente, o esperma (sémen) obtido de uma só ejaculação torna-se suficiente para inseminar dez a quinze vacas, podendo assim beneficiar entre mil a mil e quinhentas fêmeas, enquanto que através da cobertura natural apenas conseguirá fecundar cerca de duzentas. Por outro lado, a distância que separa o macho da fêmea torna-se irrelevante, pois o sémen, depois de examinado e diluído, é congelado e conservado à temperatura de -196° C e transportado para qualquer parte do mundo em contentores de azoto líquido. Deste modo, é possível executar a inseminação artificial com sémen de progenitores machos que já morreram, durante muitos anos, dependendo apenas do número de doses existentes em conservação.

A meados do século XX, tendo em conta a grande e urgente necessidade de se iniciar na Madeira o melhoramento zootécnico do efetivo bovino então existente, cuja qualidade produtiva era muito baixa, para além das patologias do aparelho reprodutor que à época grassavam nos bovinos, de que eram exemplo a vaginite granulosa e a brucelose, entre outras, em janeiro de 1965 a Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal autorizou o médico veterinário Dr. Carlos Manuel de França Dória a participar num curso de inseminação artificial levado a efeito pela Intendência de Pecuária do Distrito de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, Açores e patrocinado pelo “American Breeders Service”, o que lhe deu a oportunidade de contactar e aprender o que então de mais recente havia sobre essa técnica reprodutiva em bovinos.

Em novembro de 1965, com o propósito de virem a servir como fornecedores de sémen, foram enviados da Madeira dois novilhos da raça Red Danish (Vermelha da Dinamarca) para a Estação de Reprodução Animal da Direção-Geral dos Serviços Pecuários, na Venda Nova, Amadora.

Os serviços técnicos da Intendência de Pecuária da Madeira, em colaboração com os da Estação Agrária, deram início em abril de 1966 às primeiras inseminações artificiais nesta Região, usando para tal sémen da raça Holstein Frisien (Holandesa), pois devido a motivos

de ordem técnica só foi possível usar sêmen da raça Red Danish (Vermelha da Dinamarca) no ano seguinte. Nesse primeiro ano, foram recebidos nos serviços oficiais 225 pedidos de inseminação, tendo sido inseminadas 183 vacas e confirmada a gestação ao terceiro mês em 120 delas.

A partir de meados dos anos 70 foi introduzido o sêmen da raça Charolesa, raça francesa vocacionada para a produção de carne, com vista ao cruzamento desta raça com as demais existentes, sobretudo no caso de vacas que demonstravam ter pouca aptidão leiteira. No entanto, o sêmen mais usado na Madeira foi sem dúvida o da raça Holstein Frisien, representando em média cerca de 70% de todo o sêmen adquirido.

A partir de 1989, a raça Red Danish deixou de estar disponível no mercado de origem e a nível mundial, pelo que importava substituí-la na Madeira. Nesse sentido, a escolha recaiu sobre a raça Fleckvieh (Simental) por diversos motivos, pois sendo uma raça de dupla finalidade, adequada para a produção de leite e carne, destacam-se ainda a musculatura cheia das carcaças, a alta reposição diária, bons aprumos, partos fáceis, alta fertilidade e o facto da sua corpulência e a pelagem de cor amarela ser muito apreciadas na nossa Região. Para além disso a Estação Nacional de Melhoramento Animal possuía um bom stock de sêmen de Fleckvieh. Igualmente, entre 1990 e 1997, foi importado sêmen da raça Gelbvieh (gado amarelo alemão), a título experimental.

Devido ao notável incremento da inseminação artificial na Madeira, tornou-se difícil satisfazer todos os pedidos dos produtores, pelo que os serviços oficiais procuraram dotar-se dos meios necessários, quer humanos, quer materiais, de forma a poderem corresponder a essa procura.

Com esse propósito e com alguma regularidade, foram enviados para o Continente alguns técnicos auxiliares que na Estação de Reprodução Animal da Direção-Geral dos Serviços Pecuários adquiriram a formação específica necessária, os quais passaram a exercer as funções de inseminador. Também, nessa altura, foi adquirido um liquefator de azoto, indispensável à conservação de sêmen, bem como mais doses de sêmen congelado.

O serviço oficial de inseminação artificial (SIA) funcionou inicialmente a partir do Funchal, da Camacha e do posto agrário de Santana, mas nos anos seguintes esse serviço passou a ser prestado a partir de diversos "postos de inseminação", que funcionavam estrategicamente nos diversos concelhos da Madeira, os quais eram na sua maioria casas

arrendadas para o efeito, que serviam também de habitação ao técnico inseminador e ao seu agregado familiar, tendo à sua disposição e cuidado uma viatura ligeira.

Para além dos locais mencionados foram posteriormente criados “postos de inseminação”, designadamente nos Canhas, São Vicente, São Jorge, Santo António da Serra, Porto Moniz, Calheta, Porto da Cruz, Faial e Porto Santo.

Efetivamente, o uso da inseminação artificial em bovinos desenvolveu-se e proliferou com êxito junto dos nossos criadores, tendo atingido o seu auge em 1985, ano em que foram inseminadas 3.743 vacas, o que representava cerca de 62% do efetivo bovino de então.

É necessário ter em conta que, para além das razões de natureza operacional, os motivos que determinam que uma vaca não possa ser inseminada ou a inseminação efetuada não resulte em prenhez, são variáveis, entre os quais destacam-se a má deteção do cio por parte do criador, a suspeita de uma prenhez em desenvolvimento, a má condição física do animal, a idade insuficiente para proceder à primeira cobrição, etc.

Não obstante as dificuldades, tendo sido o serviço de inseminação artificial bem estruturado, competente e gratuito, desempenhou um papel fulcral no melhoramento animal do gado bovino da Madeira, tendo mantido a sua importância durante cerca de quarenta anos.

A partir de meados dos anos 90 começou a verificar-se um decréscimo das inseminações efetuadas devido sobretudo à inexistência de recolha de leite em vários pontos da ilha e à conseqüente diminuição do efetivo de vacas leiteiras, bem como a falta de meios de transporte a somar a outros fatores de onde se destaca a falta de inseminadores, porque entretanto adoeceram com doença incapacitante, aposentaram-se ou faleceram, não tendo sido substituídos, o que levou a partir de 2001 ao progressivo encerramento dos postos de inseminação.

Segundo o relatório de atividades da Direção Regional de Pecuária, em 2003 já só estavam afetos ao serviço de inseminação artificial, que funcionava na dependência da Direção de Serviços de Melhoramento Animal, apenas 3 técnicos inseminadores, tendo esse serviço passado a funcionar somente a partir do Funchal e de Santana, tendo-se efetuado nesse ano 320 inseminações.

Além disso, o desinteresse pela produção leiteira e nomeadamente os incentivos comunitários à produção de bovinos machos e de vacas aleitantes, foram determinantes

para o estado atual do serviço oficial de inseminação artificial em bovinos, praticamente inexistente.

Importa sublinhar, no entanto, que muito do êxito do serviço de inseminação artificial na Madeira deve-se aos técnicos que o executaram, ou seja, aos “inseminadores”. Observar o comportamento das fêmeas, nomeadamente o das vacas, para identificar o período de cio, saber o melhor horário para a inseminação, manipular o sémen de forma correta e verificar se a mesma resultou em prenhez, são algumas das suas funções.

Para além disso, na Madeira, devido à então insuficiência de médicos veterinários e à inexistência de enfermeiros veterinários, esses técnicos prestaram um auxílio extremamente importante junto dos criadores, quer no âmbito do fomento pecuário, quer no âmbito da sanidade animal.

Ao inseminador, para além de conhecimentos, treino e habilidade é exigido comprometimento, tornando-se assim num agente fundamental do fomento pecuário, designadamente em matéria de melhoramento animal. Se ele perder o momento certo de um cio, que dura apenas entre 12 e 24 horas nos bovinos, a vaca só terá novo cio em 21 dias, o que acarreta custos para o produtor, pois terá um animal sem produzir durante um período maior.

O serviço de inseminação artificial em bovinos na Madeira deve a sua criação ao então Intendente de Pecuária, Dr. Carlos Manuel M. de França Dória e foram vinte e oito os técnicos que desempenharam as funções de inseminador, a quem presto a minha humilde homenagem e a quem dedico este artigo, designadamente:

- André Fernandes Teixeira
- Ângelo Jesus Fernandes
- António Baptista Rosa
- António Vieira Coelho
- Cândido Alcindo Brazão
- Daniel Fernandes Rebolo
- Dinarte Branco
- Eng.º José Jaime Cabral
- Ernesto Florindo de Matos

- João Baptista Fernandes
- João de Jesus de Castro
- João Dias Barcelos
- João Gregório de Freitas
- João José de Dias Borges
- Jorge Assis Velosa
- Jorge de Góis
- José Alberto Pinto Dionísio
- José António de Nóbrega
- José Juvenal Teixeira Rodrigues
- José Manuel Gomes de Aguiar
- Luís Ferreira Gomes
- Manuel de Freitas Candelária
- Manuel de Freitas Dória
- Manuel de Freitas Spínola
- Manuel Teixeira de Freitas
- Rui Damasceno Silva
- Rui Daniel Gouveia Barreto
- Rui Paulo

Embora alguns destes inseminadores já não se encontrem entre nós, a Região Autónoma da Madeira tem para com eles uma dívida de reconhecimento do seu trabalho, esforço e empenhamento em prol da pecuária em geral e do melhoramento animal em particular, tendo também em conta que na administração pública nunca foi criada a carreira de inseminador.

João Carlos de França Dória
Médico Veterinário
Funchal, 18 de fevereiro de 2021